

KLAXON

Revista editada em São Paulo de maio de 1922 a janeiro de 1923, concebida como plataforma de divulgação e defesa da arte moderna brasileira. De circulação mensal, seus editores eram Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Graça Aranha. Colaboravam assiduamente com artigos, ensaios ou poesias Sérgio Milliet, Anita Malfatti, Sérgio Buarque de Holanda, Raul Bopp e outros nomes ligados ao modernismo brasileiro e europeu.

A partir da Primeira Grande Guerra, São Paulo despontou como cidade industrial, graças à política de substituição de importações e à presença maciça de imigrantes e de capitais acumulados pelo comércio cafeeiro. Gráficas, cutelarias, funilarias, indústrias de automóveis – a Ford instalou-se em São Paulo em 1919 – modificaram a fisionomia da cidade. Mesmo com as crises sucessivas, resultado da própria oscilação dos preços do café no mercado mundial, São Paulo seguiu, pelo menos até a década seguinte, com destacado papel na condução da política nacional, e não foram pequenas as transformações urbanas por que passou nesse período, quando uma série de intervenções do poder público deu à cidade o aspecto vertiginoso de metrópole.

Por outro lado, artistas e intelectuais paulistas, em seu regresso de viagens à Europa, traziam na bagagem a notícia dos movimentos de vanguarda que eclodiam em solo europeu – o futurismo, o expressionismo, o cubismo e o dadaísmo, principalmente. Como movimento ligado às artes plásticas o modernismo apareceu em 1917, na segunda exposição de Anita Malfatti, que foi duramente criticada, inclusive por Monteiro Lobato, para quem a linguagem pictórica da artista era “incompreensível, ilógica e inconsequente”. Enquanto o campo cultural do Rio de Janeiro sentia o peso da presença de instituições e personagens ligados a um mundo intelectual e artístico marcado pelo academicismo, pelo parnasianismo e pela tradição, São Paulo, surgia como espaço ideal para a eclosão do movimento modernista. No dizer de Mário de Andrade, “São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e pela sua industrialização, em contato mais espiritual

e mais técnico com a atualidade do mundo”.

A Semana de Arte Moderna foi o coroamento de todo um processo que procurou adaptar os movimentos de vanguarda europeus à trajetória da arte no Brasil. Realizada em fevereiro de 1922, a Semana estava inserida nas festas de celebração do Centenário da Independência. Destacaram-se na programação a apresentação de Villa-Lobos, que regeu sua orquestra com um dos pés calçado de chinelo, a leitura de Ronald de Carvalho do poema *Os sapos*, de Manuel Bandeira, que terminou numa sonora vaia – que não significou repúdio –, além da conferência sobre estética e literatura proferida por Menotti del Picchia.

Pode-se dizer que a concepção do programa da revista *Klaxon* foi resultado direto do que aconteceu na Semana de Arte Moderna e dos rumos que arte tomava no Brasil. De idêntico formato desde o primeiro ao último número, a *Klaxon* pretendeu também causar escândalo. Proclamando o valor estético de números e letras em si mesmos, como formas gráficas cheias de significado, para além de seu uso meramente funcional ou fonético, a capa da revista trazia um imenso “A”, lembrando o formato invertido das antigas buzinas de automóvel. Era o único “A” da capa, de tal sorte que era comum a todas as palavras que vinham ali escritas.

Primeiro órgão do movimento modernista, não por acaso o nome da revista veio de empréstimo de uma fábrica americana de buzinas. A explicação para semelhante escolha pode ser deduzida do editorial que acompanhava o primeiro número, no qual se proclamava “em voz alta” o elogio do novo, do construtivismo, da técnica, do cinematógrafo, e se manifestava o repúdio daquela geração a uma estética identificada com o século XIX, acabando-se por concluir que “há 130 anos a humanidade está fazendo manha”.

Automóveis, estradas, aeroplanos, o culto da velocidade e do movimento foi traço fundamental do modernismo, porquanto capaz de instaurar certa atualidade estética na arte e na cultura – “*Klaxon* não se preocupará de ser novo, mas de ser atual”, como dizia o editorial do primeiro número. E ser atual, para os editores da *Klaxon*, não significava tanto, como os futuristas propunham, promover uma destruição de bibliotecas e museus ou soterrar de vez as ruínas do coliseu, mas apenas não reconstruir o que ruiu – “o campanile

de São Marcos era uma obra prima, devia ser conservado. Caiu. Reconstruí-lo foi uma erronia sentimental e dispendiosa”, concluíam os editores da revista.

A diferença dos movimentos entende-se pelo peso que a duração do passado tem para cada um deles. Por isso, “*Klaxon* não é futurista. *Klaxon* é klaxista”, como dizia o citado editorial. E o reconhecimento dessa especificidade do modernismo brasileiro, por outro lado, não foi uma aquisição tardia do movimento, mas se traduziu pela forma como os modernistas utilizaram as novas linguagens na tentativa de se apropriar da nação. *Paulicéia desvairada* e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Cobra Norato*, de Raul Bopp, *Martin Cererê*, de Cassiano Ricardo, no domínio da literatura; *A negra* e *Tropical*, de Anita Malfatti, *Abapuru e Antropofagia*, de Tarcila do Amaral, ou mesmo *Paisagem brasileira*, de Lasar Segall, no campo da pintura, podem ser vistos no horizonte dessa proposta de entendimento do Brasil enquanto nação.

O último número da *Klaxon* foi publicado em janeiro de 1923 – numa edição que apareceu com os volumes oito e nove – e como aquela era uma época de manifestos e de publicações combativas, seus editores e colaboradores permaneceram escrevendo artigos e ensaios em defesa do modernismo em outros órgãos que se sucederam (*Revista de Antropofagia*, *Estética*, *Pau-Brasil* etc.). Para que deixasse de ser publicada, muito contribuíram o fracasso financeiro da empreitada (corria a notícia de que a *Klaxon* tinha um único assinante, que era, ao mesmo tempo, o único anunciante da revista), a circunstância da própria velocidade das transformações, que dava a tudo um caráter de transitoriedade, e o fato de que os próprios editores da revista confessaram que deixara de ser divertido publicá-la.

Eduardo Junqueira

FONTES: LOBATO, M. *Urupês*; MARTINS, W. *Idéia*; STEGAGNO-PICCHIO, L. *História*; TELES, G. *Vanguarda*.